

O Impacto da Influenza Aviária sobre o Consumo Mundial de Carnes

Por Osler Desouza

Há uma famosa meditação de John Donne (1572-1631), que apresentarei e usarei traduzir:

"No man is an island, entire of itself...any man's death diminishes me, because I am involved in mankind; and therefore never send to know for whom the bell tolls; it tolls for thee."

"Nenhum homem é uma ilha, que se basta... a morte de qualquer homem me diminui, porque eu estou envolvido com a humanidade; e, portanto, nunca mande saber por quem o sino dobra; ele dobra por você".

Os fãs de Ernest Hemingway reconhecerão a fonte de inspiração para o título de seu magistral romance, que em sua tradução para o português terminou com os sinos sendo levados ao plural "Por Quem os Sinos Dobram". A versão cinematográfica desse romance, com Gary Cooper e Ingrid Bergman, é simplesmente imperdível.

A meditação de John Donne é secular, e eternamente nova. Vou me permitir levá-la ao mundo dos negócios e à agropecuária, que é o nosso dia-a-dia, nossa profissão, muitas vezes nossa vocação, nosso fanatismo e só não digo nosso amor para não ter que explicar o conceito à minha mulher, Fafá.

Em muitas das conferências que fiz e faço, costumo concluir com os riscos e as oportunidades para o setor de carne, usando 2 slides:

Setor Proteínas : oportunidades globais

- **População Mundial Crescente na Ásia, África e partes da América Latina**
- **Urbanização Crescente da População Mundial (PED)**
- **Renda em Expansão (+RENDA = +CARNE)**
- **Aumento da Classe Média (PED)**
- **Mudança dos Padrões Dietéticos=> + CARNE**
- **Liberação do Comércio a nível mundial como imposição da cadeia de abastecimento**
- **Diminuição do papel da agricultura nas regiões desenvolvidas**
- **Crescimento das indústrias globais de processamento de alimentos.**
- **A epidemia de obesidade**

No capítulo dos “riscos” a primeira frase que surge, habitualmente em vermelho é: “Saúde Animal é o grande desafio”.

Setor de Proteínas : RISCOS

- **Saúde animal é o grande desafio e atualmente a HPAI está virando o mundo avícola de cabeça para baixo**
- **Temas sanitários e barreiras pseudo-sanitárias**
- **Os novos valores do consumidor - PPPS – (preocupação com a saúde, preocupações sociais, preocupação com a segurança alimentar , “sustentabilidade”) – são as senhas do sucesso**
- **Número crescente de produtores e exportadores numa indústria que tende à concentração**
- **Liberação do comércio (Ou Não !!!)**
- **A epidemia de obesidade**
- **Água doce se tornará uno dos bens mais escassos e preciosos. Nós a usamos na agropecuária como se fosse um bem infinito.**

Tenho usado esse slide há anos, juntamente com outros em que procuro quantificar que o mundo caminha para consumir cada vez mais proteínas animais. Continuo acreditando que o consumo de carnes e ovos seguirá aumentando no futuro? A resposta é sim, como também é sim a resposta para que o grande e maior desafio que temos à velocidade e universalidade desse aumento de consumo é a “saúde animal”.

O mundo da pecuária passa por mais um momento delicado devido aos episódios de HPAI, que desde outubro de 2005 aceleraram seu caminho no sentido Leste a Oeste, e de janeiro de 2006 para cá se disseminaram pela Europa Ocidental.

As conseqüências são dramáticas. O consumo em alguns países europeus diminuiu 20%; na França alcançou 30% depois da infecção de um lote comercial de perus; na Alemanha caiu 12 a 13% e há o temor que a morte de um gato eleve essa queda para 30%. Na Itália, até 1.3.2006, a diminuição era de 70%. Espanha registrava uma baixa de 8% no consumo e de 40% nos preços dos frangos e ovos.

A África é atingida e a pobreza daquele continente, com deficientes estruturas públicas de defesa animal, faz temer que a HPAI se espalhe pelo continente. O abate sanitário que se fará nos países africanos aumentará um quadro de desnutrição que é grave. A África possui grandes densidades urbanas e rurais e o contato direto com animais vivos é corrente.

A doença move-se Leste-Oeste e Norte-Sul, demonstrando que nenhum país está a salvo dela.

Os jornais televisivos acompanham o jantar do consumidor com cenas de cisnes mortos, frangos sendo recolhidos por funcionários que lembram o filme “Epidemia”, notícias do gato morto, recomendações de um ministro europeu para que se mantenham os gatos trancados e os cachorros presos nas guias. Ao fundo o locutor ou anuncia uma morte, quando elas ocorrem, ou na ausência de fatalidades fazem comparações com a Gripe Espanhola de 1919-1920.

A cena seguinte é o cônjuge perguntando ao outro o que ele/ela quer para o almoço de amanhã. Evidentemente que a última resposta será “carne de aves”.

Será então que é esse um problema da avicultura? A meditação de John Donne, transposta à realidade de um mundo global de hoje, permitiria que se comparasse “aquele homem”, cuja morte me afeta e por isso por mim os sinos dobram, à situação que vive hoje a cadeia agropecuária com os episódios de HPAI e o pânico que está lançando entre os consumidores. Os sinos não dobram pela avicultura, mas por toda a cadeia agropecuária.

Cada membro do segmento agropecuário é afetado como um todo por qualquer crise que atinja a qualquer dos segmentos do setor, mesmo se aparentemente não estão interligados.

Quando há um episódio de BSE, não são o frango e o suíno que se beneficiam; quando há episódios de FSA, não são o bovino e frango que se beneficiam; quando há episódios de HPAI não são o bovino e o suíno que se beneficiam. Perdem, na realidade, todos os membros da cadeia agropecuária.

E não são só os da cadeia agropecuária que perdem com esses episódios de doenças animais. Vejamos alguns dos impactos socioeconômicos dos episódios da influenza aviária na Ásia:

A. perda de 88 vidas humanas na Ásia, 1 no Iraque e 4 na Turquia (situação em 27.2.2006 - pessoas que tiveram contatos diretos aves infectadas). Como nessas regiões uma parcela grande do comércio avícola é representada por aves vivas, houve redução do consumo por medo de contacto com as aves, inclusive em países onde não houve episódios em 2004, como é o caso da Índia. O lado positivo é que, apesar dos episódios terem ocorrido em países cujo total populacional supera 3,8 bilhões de pessoas, não se registraram casos de transmissão entre humanos;

B. abates sanitários de dezenas de milhões de cabeças, afetando a atividade de milhares de produtores e a subsistência de muitos que tinham na criação e venda de aves sua única fonte de ingressos. Para muitos agricultores, seus animais representam a caderneta de poupança ou o fundo de aposentadoria;

C. redução das importações e exportações de carnes de aves, afetando todas as atividades econômicas ligadas ao comércio e distribuição; diminuição de disponibilidade de proteína animal afetando o conteúdo protéico da dieta em vários países e diminuição do faturamento de empresas avícolas;

D. risco de contaminação de outras espécies;

E. redução do uso de rações com impactos em toda a cadeia de grãos, suplementos, medicamentos, equipamentos, empregos diretos e indiretos, etc;

F. redução do consumo em geral nas áreas rurais atingidas pelos episódios.

O quadro a seguir nos permite estimar o impacto dos episódios da primeira fase asiática da doença sobre o consumo de carne de aves nos países afetados.

Data H5N1	País	Consumo Aparente de Carne de Aves (000 tons)					04/03	05/04	05/03
		2001	2002	2003	2004	2005			
2001/2002	Hong Kong	335,3	295,1	292,3	435,2	506,0	48,9%	16,3%	73,1%
12.12.2003	Coréia	569,8	592,1	554,5	506,3	528,0	-8,7%	4,3%	-4,8%
8.1.2004	Vietnam	385,4	430,2	456,5	436,5	395,0	-4,4%	-9,5%	-13,5%
12.1.2004	Japão	2.036,7	2.067,5	2.074,5	1.944,0	2.125,0	-6,3%	9,3%	2,4%
20.1.2004	Taiwan	711,6	722,8	730,0	757,3	770,0	3,7%	1,7%	5,5%
23.1.2004	Thailand	846,4	824,8	685,6	603,8	736,8	-11,9%	22,0%	7,5%
27.1.2004	Laos	13,3	13,3	17,8	18,7	19,7	4,5%	5,4%	10,2%
2.2.2004	Indonesia	923,4	1.102,8	1.135,8	976,5	1.002,0	-14,0%	2,6%	-11,8%
4.2.2004	China	12.229,4	12.512,2	13.259,2	13.314,6	13.563,5	0,4%	1,9%	2,3%
24.1.2004	Cambodja	27,2	26,5	26,5	24,3	24,8	-8,5%	2,1%	-6,6%

A China registra um pequeno crescimento, muito abaixo dos níveis de crescimento anual que a tornaram o segundo maior consumidor mundial. Taiwan, Laos e Hong Kong são as outras exceções da queda no consumo em 2004. No caso de Hong Kong, explica-se pelo fato do país ter sofrido episódios da doença desde 2001 e, portanto, o seu consumo já estava na ascendente de recuperação.

É interessante notar que as reduções de consumo se manifestam, em geral, de forma mais acentuada via redução de importações.

País	Importação de Carne de Aves (000 tons)					04/03	05/04	05/03
	2001	2002	2003	2004	2005			
Coréia	149,9	158,0	128,0	76,7	80,0	-40,1%	4,3%	-37,5%
Vietnam	0,1	10,2	1,1	36,5	20,0	3332,9%	-45,2%	1781,5%
Japão	807,3	859,7	817,2	695,3	850,0	-14,9%	22,2%	4,0%
Taiwan	17,0	31,2	49,6	67,0	75,0	35,2%	12,0%	51,4%
Thailand	4,0	4,0	3,0	9,0	10,0	200,0%	11,1%	233,3%
Hong Kong	966,6	835,2	772,3	556,9	510,0	-27,9%	-8,4%	-34,0%
China	707,2	574,5	644,4	185,5	383,5	-71,2%	106,7%	-40,5%

Pelos motivos da proibição quase que automática das exportações, estas sofrem de imediato e de forma muito acentuada, o que tornaria o comércio internacional o grande perdedor da equação redutora. A China perde 34,6% de suas exportações e o quadro abaixo revela o grande impacto sofrido pela Tailândia queda de 46,5% nas suas exportações país de avicultura essencialmente exportadora.

País	Exportação de Carne de Aves (000 tons)					04/03	05/04	05/03
	2001	2002	2003	2004	2005			
Thailand	511,3	552,0	597,2	319,3	375,0	-46,5%	17,4%	-37,2%
Hong Kong	692,9	601,7	538,3	136,1	50,0	-74,7%	-63,3%	-90,7%
China	580,8	560,3	506,2	330,9	470,0	-34,6%	42,0%	-7,1%

O caso da Tailândia deveria ser de particular interesse para a avicultura brasileira, que em 2005 exportou 29,5% de sua produção, o que na realidade deve corresponder a 35% da produção brasileira de aves vivas. Isso porque as exportações para o Oriente Médio são de aves pequenas e Europa e Japão levam majoritariamente carne desossada.

Tenho um grande temor que, sem uma regionalização oficializada, baste o aparecimento de um papagaio no Amapá ou em Roraima para que o Brasil tenha suas exportações banidas. Imaginem vocês o que aconteceria com o mercado brasileiro de todas as carnes (lembram-se da meditação de John Donne?) se em 24 horas o Brasil perdesse 46,5% ou 34,6% de suas exportações de carnes de aves? Acredito que o poder negociador da atual diplomacia brasileira ficou bem patente nos episódios que afetaram o setor de carnes e creio que não será daí que poderemos esperar solução.

É evidente que há diferenças entre o Brasil e a Tailândia. A primeira diferença é que o Brasil conta com o terceiro maior mercado consumidor de carne de aves do mundo, enquanto que na Tailândia o consumo doméstico não acompanhou o dinamismo de suas exportações. Ademais, o consumo per capita brasileiro, de 35,48 kg/hab/ano, é médio e contempla nessa média injusta uma grande parcela da população que só tem acesso ao consumo de carne de aves episodicamente. Há, portanto, espaço para crescimento do mercado doméstico brasileiro.

O grande problema que estamos enfrentando neste momento é que a crise atinge as regiões que constituem a espinha dorsal das importações mundiais, como a Rússia, Europa e Oriente Médio, que são importantes destinos de nossas exportações.

Na Rússia não há manifestações de "food scare" como na Europa. Entretanto, a Rússia encontra-se com estoques elevados estimados em 45 dias acima do normal. Idêntica situação de estoques elevados se verifica no Oriente Médio e no Japão. A Europa está consumindo sua produção própria fresca ou resfriada na transformação industrial, o que faz com que se elevem os estoques de produtos congelados importados.

Se aceitarmos a regra de que o comércio internacional sofre particularmente com as crises de doenças animais, respondendo por uma parcela considerável da redução do consumo que se verifica em situações como esta, reside aí a principal preocupação para a avicultura brasileira.

O consumo de carne de aves sofrerá em 2006 e as perspectivas de crescimento de seu comércio internacional sofrerão de forma significativa. A FAO acaba de publicar uma revisão de suas projeções, reduzindo a previsão do consumo mundial em 2006 de 84,6 para 81,8 milhões de toneladas.

Revisão da FAO - Carne de Aves 2006 - Perspectiva à luz do desenvolvimento da Influenza Aviária
Mudança da projeção prévia estimada para 2006

Consumo	2003	2004	2005	2006 p	2006 r	Diferença de 2006p	% da Diferença	2006r/2005
	000 toneladas						%	
Mundo	76,734	78,643	82,024	84,632	81,819	-2.813	-3%	-0,2%
África	3,939	4,034	4,147	4,269	4,067	-202	-5%	-1,9%
América do Norte	15,960	16,563	17,034	17,447	17,291	-156	-1%	1,5%
América Central e Caribe	3,998	4,101	4,342	4,548	4,548	0	0%	4,7%
América do Sul	9,576	10,084	10,837	11,507	11,227	-280	-2%	3,6%
Ásia (excluindo CEI)	27,904	27,909	28,953	29,513	28,896	-617	-2%	-0,2%
Europa incl.Bálticos	11,292	11,629	11,851	12,067	10,727	-1.340	-11%	-9,5%
Oceania	895	911	950	991	991	0	0%	4,3%
CEI-12	3,166	3,410	3,906	4,291	4,068	-223	-5%	4,1%

p = projeção prévia
r = projeção revisada

A ODConsulting fez também uma revisão, mas a partir de bases diferentes. Estimamos o consumo em 2005 como sendo de 81,481 milhões de toneladas e projetamos originalmente um crescimento de 3%.

Contra a previsão anterior, que situava em 2006 o consumo mundial de carne de aves em 83,9 milhões de toneladas, calculamos uma redução de 1,362 milhão de toneladas no consumo mundial, concluindo que o consumo mundial se situaria em 82,573 milhões de toneladas.

Não desejo confundir o leitor com um excesso de tabelas, e, portanto, deixo de apresentar o detalhamento desses dados. Fundamentalmente, centro as reduções de consumo na Europa e no Oriente Médio, assinalo algo de redução no consumo da CEI e nas demais regiões, acredito que o impacto no consumo seria mínimo.

Evidentemente que esses números traduzem a situação como a conhecemos no final de fevereiro/início de março de 2006. Se a HPAI alcançar o continente americano, é evidente que este exercício perde sua validade.

Não é prudente fazer previsões enquanto a situação não estiver estabilizada, pois com novos casos sendo registrados quase que diariamente e novos países positivando a presença do H5N1, a situação pode se transformar radicalmente de um momento para outro.

Entretanto, em situações de crise, a primeira vítima costuma ser a calma e a segunda a racionalidade. O norte estatístico que nos orientava perdeu-se diante da ruptura provocada por um pânico entre os consumidores europeus, que de outubro de 2005 para cá reduziram a ingestão de carne de aves de forma significativa. Alguns anunciam que a queda média é de 20%, assinalando 30% na França e um recorde de 70% na Itália.

O comportamento do consumidor europeu repercute sobre o mercado internacional, que a meu juízo foi a grande vítima da crise asiática de 2004. Os estoques europeus subiram, houve pressão de venda dos produtores europeus a qualquer preço, e tentativas de colocar excessos no exterior. A CEE-25 importa umas 500 mil toneladas extra-comunitárias, representadas fundamentalmente por filé de peito e um pouco de asas majoritariamente processadas. É um dos principais destinos das exportações brasileiras de carne desossada.

No Oriente Médio, o fechamento sanitário de fronteiras com o Iraque e o maior rigor de trânsito de carne entre os países, enfraqueceu um secular mercado de vendas, gerando aumento de estoques.

A Rússia viu seus estoques aumentarem pelas pressões de venda européia e pela continuidade de importações dos Estados Unidos e do Brasil.

Em finais de janeiro, o mercado internacional se encontrava com estoques elevados em seus principais mercados importadores e a crise de demanda se estendeu aos países

exportadores, em particular o Brasil.

Estima-se que os estoques nos países exportadores estejam entre 45 e 60 dias acima dos parâmetros normais e que nos países exportadores esses estoques alcancem pelo menos 30 dias acima da normalidade.

Esses elevados estoques e uma demanda em queda, principalmente na Europa e Oriente Médio, fará com que se repita em 2006 o ocorrido em 2004, com impacto negativo sobre as importações e exportações mundiais.

A FAO procedeu também a uma revisão do comércio internacional de carne de aves, apresentada nos quadros a seguir:

Revisão da FAO - Carne de Aves 2006 - Perspectiva à luz do desenvolvimento da Influenza Aviária
Mudança da projeção prévia estimada para 2006

Exportação	2003	2004	2005	2006 p	2006 r	Diferença de 2006p	% da Diferença	2006r/2005
	000 toneladas					%		
Mundo	8.163,2	7.480,3	8.054,2	8.626	8.128,3	-498	-5,8%	0,9%
África	13	11	16	17	16,2	-1	-4,7%	3,2%
América do Norte	2.889	2.755	2.870	2.940	2.890,0	-50	-1,7%	0,7%
América Central e Caribe	6	16	17	16	16,5	0	3,0%	-0,7%
América do Sul	2.170	2.772	3.216	3.477	3.256,8	-220	-6,3%	1,3%
Ásia (excluindo CEI)	1.751	894	1.039	1.238	1.210,7	-27	-2,2%	16,5%
Europa incl.Bálticos	1.279	977	837	878	677,8	-200	-22,8%	-19,0%
Oceania	25	26	26	27	27,3	0	1,1%	3,9%
CEI-12	30	30	33	33	33,1	0	0,2%	0,0%

p = projeção prévia
r = projeção revisada

Revisão da FAO - Carne de Aves 2006 - Perspectiva à luz do desenvolvimento da Influenza Aviária
Mudança da projeção prévia estimada para 2006

Importação	2003	2004	2005	2006 p	2006 r	Diferença de 2006p	% da Diferença	2006r/2005
	000 toneladas					%		
Mundo	8,225	7,224	8,086	8,598	8,029	-569	-7%	-0,7%
África	576	621	675	756	726	-30	-4%	7,6%
América do Norte	171	201	190	198	198	0	0%	4,2%
América Central e Caribe	853	777	866	901	901	0	0%	4,0%
América do Sul	83	124	220	263	263	0	0%	19,5%
Ásia (excluindo CEI)	3.645	2.922	3.285	3.373	3.228	-145	-4%	-1,7%
Europa incl.Bálticos	1.284	890	939	1.101	777	-324	-29%	-17,3%
Oceania	39	37	43	44	44	0	0%	2,3%
CEI-12	1.572	1.649	1.864	1.958	1.888	-70	-4%	1,3%

p = projeção prévia
r = projeção revisada

Projeta-se que as importações mundiais decresçam cerca de 600 mil tm, o que corresponderia a repetir os volumes de 2005. Há quem estime que os estoques existentes nos países importadores possam agravar essa previsão, alcançando uma redução de 900 mil tm.

Qualquer que seja o cenário que se concretize, a situação é particularmente danosa para o Brasil. Verifiquem que as grandes reduções se centram na Europa e Ásia, incluindo o Oriente Médio nos critérios da FAO.

O Brasil e os Estados Unidos dividem as exportações mundiais de carne de frango, cada um detendo aproximadamente 1/3 de participação de mercado. Ocorre que os Estados Unidos não exportam para a Europa Ocidental e sua participação no Oriente Médio é pouca expressiva. Dessa forma, seria o Brasil a arcar com o ônus maior dessa redução.

Considerando a participação brasileira nesses mercados, seria lícito estimar que arquem com 60% da queda desses mercados, o que poderia reduzir o total das exportações brasileiras em cerca de 300 mil toneladas, na melhor das hipóteses. Essas 300 mil toneladas teriam grande impacto em nossa avicultura visto que são constituídas majoritariamente por carne de peito desossada e por frangos inteiros de pequeno calibre.

Não é uma perspectiva animadora, mas a avicultura brasileira parece, neste momento, estar promovendo a adequação a esta nova realidade do mercado internacional. Há uma redução de alojamentos, processo que infelizmente agravará a situação das cotações internas devido a uma maior pressão de oferta, até que o processo de ajuste se estabilize.

Aparentemente isso condenaria o Brasil a uma situação de mercado, tanto interna quanto externa, de preços pouco atraentes durante todo o primeiro semestre do ano.

Quanto tempo durará a crise? No caso asiático, o impacto de redução de demanda durou um ano. Apesar de persistirem o aparecimento de novos episódios de HPAI, parece ser que o temor inicial do consumidor foi sendo substituído por um maior grau de informação sobre a doença e seus riscos. A divulgação permitiu ao consumidor centrar os riscos na manipulação de aves vivas e ficar informado que a carne de aves devidamente cozida apresenta é segura para o consumo.

Não sabemos se o consumidor europeu, de maior renda e mais susceptível a temores em relação à segurança alimentar, terá o mesmo tipo de comportamento. A avicultura mundial sofrerá como um todo em 2006, mas a europa será das mais afetadas, o que acelerará a mudança da geografia de produção de carne de aves.

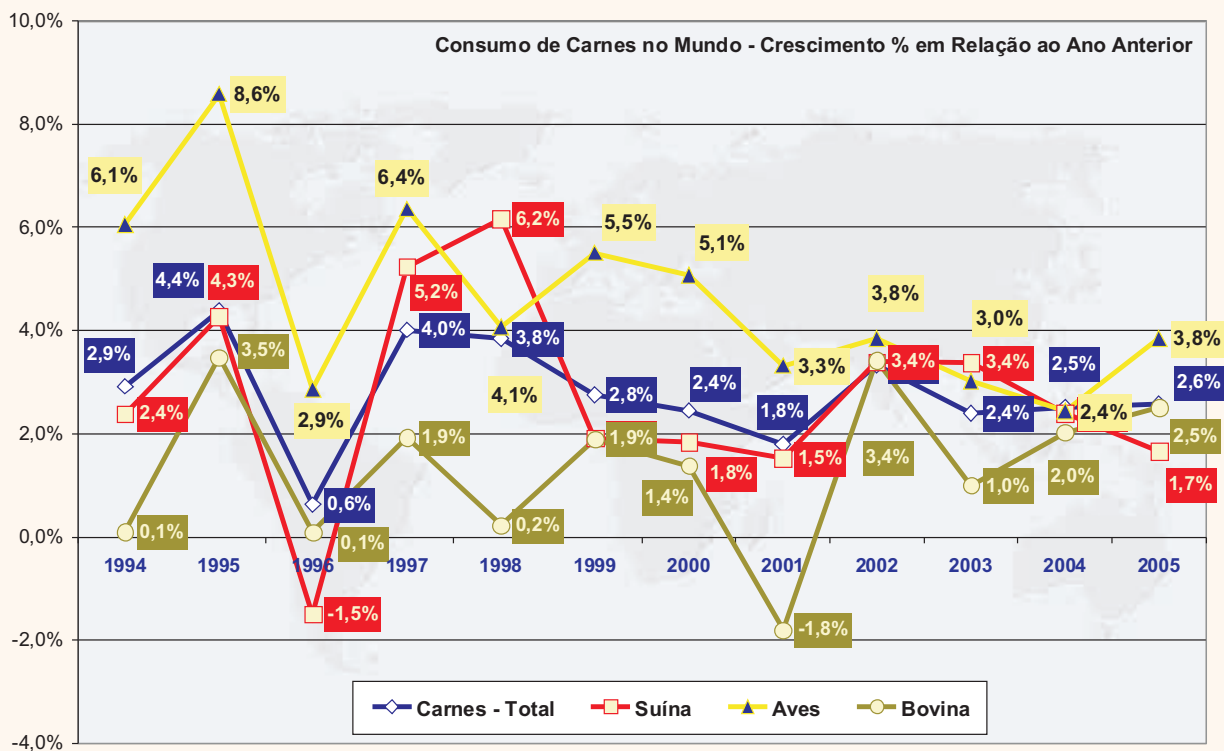
Por maiores que sejam as medidas de biossegurança adotadas e os cuidados que a indústria brasileira e as autoridades sanitárias estejam observando, não há garantias de que não venhamos a ser atingidos e impõe-se a regionalização para evitar o que chamo anedoticamente do papagaio do Amapá ou de Roraima.

Viveremos momentos difíceis no mercado de carnes em 2006. A influenza aviária não pode ser erradicada e exigirá uma vigilância conjunta de uma aliança público-privada. É um problema global que não respeita fronteiras, mas que não deve ser impeditiva do comércio internacional. É possível produzir carne de aves saudável e produtos plenamente seguros para o consumidor em países com a HPAI presente, e vários países asiáticos têm dado o exemplo. Podemos não erradicá-la, mas podemos aprender a administrar seus riscos e suas conseqüências.

Desde finais da década de 90, o mercado internacional tem tido sua força testada por episódios de doenças animais BSE na Europa e América do Norte; febre aftosa na Europa e América Latina; influenza aviária na Ásia. Todos esses episódios tiveram impactos severos nos mercados internacionais de carnes.

Frequentemente ouço perguntas ou afirmações dizendo que a doença de uma espécie favorecerá o consumo de espécies alternativas. Desde o somatório dos episódios BSE + Aftosa + Influenza Aviária, ouço dizer que a grande favorecida será a carne suína.

As estatísticas demonstram que de forma global tal não acontece. Sei que o gráfico abaixo está meio poluído, mas creio que demonstra que nos casos dos grandes perdedores (vide carne bovina em 2001 e carne de aves em 2004), não corresponde a grandes ganhadores.



Os números abaixo traduzem o consumo de carnes feito em setembro de 2005 e, portanto, devem desconsiderar as cifras correspondentes às projeções para o ano 2006, que devido aos episódios de influenza na Europa deverão sofrer perdas no consumo de carne de aves, sem que seja neste momento possível estabelecer se as demais carnes, inclusive a suína, ganharão em Volumes com as perdas das aves.

	Consumo em milhões de toneladas			
	2003	2004	2005	2006
Bovina	61,5	62,7	64,3	66,0
Ovina	12,2	12,7	13,0	13,3
Suína	98,6	100,9	102,6	104,9
Aves	76,6	78,5	81,5	83,9
Total	253,5	259,9	266,6	273,6

Não tenho os dados de importação e consumo de carne suína da FAO para todos os países asiáticos, mas somente os dados para os 10 países principais da carne suína. Essa limitante não me permite ser conclusivo e não desejei misturar comparações de dados da FAO com o excelente material do USDA para manter coerência.

Com esse fato limitante, os magros dados de que disponho indicam que aparentemente, quando da onda de episódios de influenza na Ásia em 2004, a queda do consumo e de importações de carne de aves naquela região não correspondeu a um aumento das importações de carnes suínas.

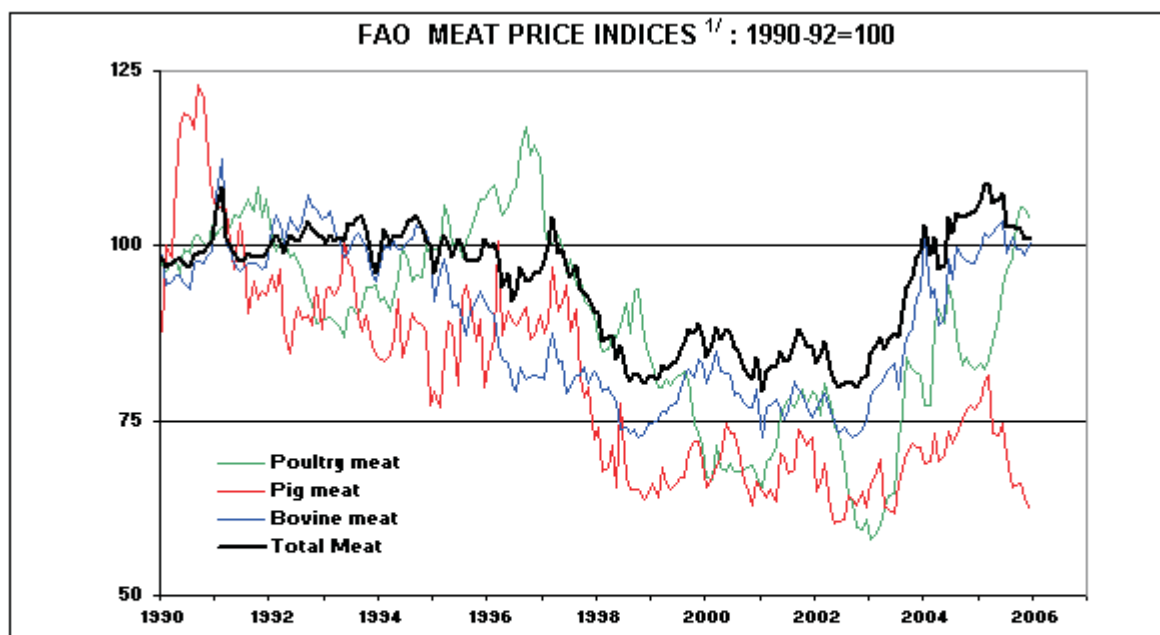
	CARNE SUÍNA - IMPORTAÇÃO - Em 000 tm			
	2002	2003	2004	2005
Mundo (excl. comércio intra-CEE)	4.123	4.335	4.397	4.659
JAPÃO	1.046	1.030	1.196	1.198
HONG KONG	248	289	319	290
CORÉIA DO SUL	155	155	218	300

Os dados do consumo do Japão e do Vietnã aparecem em 2004 com um crescimento atipicamente maior que nos anos precedentes, o que poderia indicar nesses dois países, onde não há restrições de caráter religioso ao consumo de suínos, que algo da demanda migrou das carnes de aves para a carne suína.

	CARNE SUÍNA - CONSUMO APARENTE - Em 000 tm			
	2002	2003	2004	2005
Mundo	95.456	98.576	100.938	102.613
CHINA	43.151	44.990	46.782	48.140
JAPÃO	2.270	2.283	2.500	2.457
VIETNAM	1.642	1.785	2.002	2.188

No Japão e no Vietnã identificamos com maior facilidade essa migração, demonstrada na medida em que o salto de consumo da carne suína em 2004 não tem seqüência em 2005 quando o consumo de carne de frangos volta ao normal.

Creio que o gráfico de preços internacionais, abaixo apresentado, demonstra primeiro a tendência de baixa de preços de todas as carnes, o lado bom, pois aumentará a acessibilidade de mais gente ao consumo de carne. Uma análise mais de perto ou individual dos preços de cada carne permite perceber que as doenças animais afetam momentaneamente os preços das carnes para baixo as das espécies diretamente envolvidas no episódio de doença e para cima as das espécies alternativas.



^{1/} Composition of the different indices :

Poultry Meat - USA : Broiler cuts, export unit value.

Japan : Broiler Import Price (c.i.f.) : Frozen, other than leg quarters

Brazil : Export unit value for chicken (f.o.b.)

Bovine Meat - USA : Frozen beef, export unit value.

Japan : Beef Import Price (c.i.f.) : Boneless cuts, fresh or chilled.

Argentina : Export unit value of frozen beef cuts.

Australia - Up to Oct02 : cow forequarters frozen boneless, 85% chemical lean, cif US port (East Coast) ex-dock;

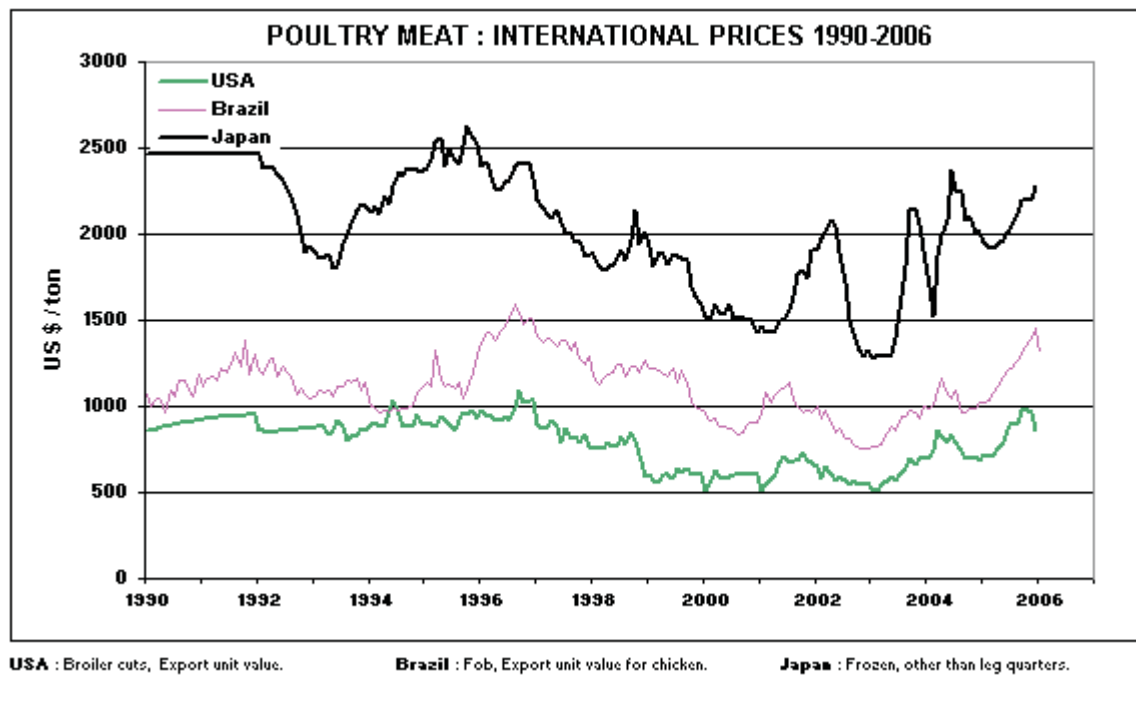
From Nov02 : chucks and cow forequarters.

Pig Meat - USA : Export unit value for frozen product.

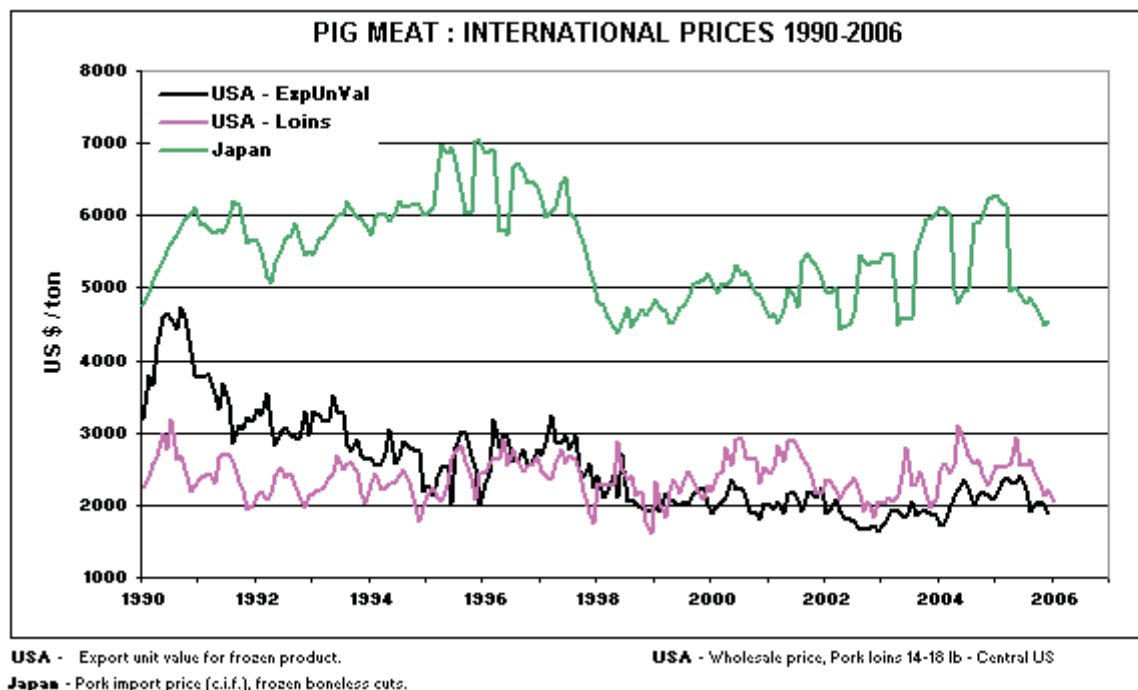
USA : Wholesale price, Pork loins 14-18 lb. - Central US.

Japan : Pork Import Price (c.i.f.) : Frozen boneless cuts.

Verifiquem o impacto dos preços nas carnes de aves em 2004 e também o caráter momentâneo dessas perdas com a recuperação dos preços em 2005.



A recuperação dos preços da carne suína no Japão demonstra o impacto positivo que teve uma migração de consumo naquele país. Não devemos, entretanto, esquecer que a alta renda do consumidor japonês permite que ele se dê ao luxo de migrar para espécies de preços mais elevados, como é o caso da carne suína sem que isso tenha maior impacto sobre seu orçamento doméstico.



O quadro abaixo permite uma melhor visualização da recuperação dos preços internacionais da carne suína após os episódios de HPAI na Ásia em 2004.

PIG MEAT PRICES				
	USA ¹	USA ²	JAPAN ³	
	Exp/UnVal	Pork loins		
----- US \$ / ton -----				
2000	2049	2562	5049	
2001	2074	2579	4991	
2002	1790	2160	4982	
2003	1866	2226	5320	
2004	2071	2563	5680	
2005 (Avg.)	2161	2495	5134	
2005	Jan	2143	2569	6280
	Feb	2330	2532	6182
	Mar	2376	2555	6158
	Apr	2327	2536	4962
	May	2296	2942	5018
	Jun	2418	2549	4910
	Jul	2209	2536	4796
	Aug	1926	2642	4884
	Sept	1991	2454	4774
	Oct	2052	2288	4614
	Nov	1983	2132	4498
	Dec	1863	2229	4530

¹ USA - Export unit value for frozen product.
² USA - Wholesale price; Pork loins 14-18 lb - Central US
³ Japan - Pork import price (c.i.f.), frozen boneless cuts.

No caso de países de baixa renda, o consumidor não tem essa mobilidade e quando a carne de aves, mais barata, está cerceada por motivos de doenças ele migra para o consumo de cereais e vegetais.

O fato do Brasil não ter sido atingido em 2004 por episódios da doença, permitiu-lhe a posição de herdar muitos dos mercados europeus e japoneses, perdidos pela Tailândia em 2004 e a ausência deste grande exportador mundial acabou por reforçar também os preços da carne de frango no mercado.

POULTRY MEAT PRICES				
	USA ¹	BRAZIL ²	JAPAN ³	
----- US \$ / ton -----				
2000	592	892	1522	
2001	646	1035	1599	
2002	582	850	1710	
2003	612	888	1631	
2004	757	1033	2020	
2005 (Avg.)	847	1220	2062	
2005	Jan	725	1027	1955
	Feb	707	1039	1914
	Mar	720	1080	1920
	Apr	754	1116	1940
	May	795	1171	1960
	Jun	863	1213	2014
	Jul	908	1220	2045
	Aug	899	1273	2116
	Sep	971	1300	2194
	Oct	993	1354	2202
	Nov	968	1394	2203
	Dec	863	1458	2278

¹ USA : Broiler cuts, Export unit value.
² Brazil : Fob, Export unit value for chicken.
³ Japan : Frozen, other than leg quarters.

É difícil dizer quem perde e quem ganha quando há episódios de doenças animais no mundo. Em minha opinião, perdem todos da cadeia de carnes e, naturalmente, o setor de grãos, insumos, equipamentos e serviços.

Cansei nos últimos três anos as audiências de minhas conferências com o slide em que colocava “saúde animal” como o grande risco para o setor de carnes e o ano de 2006 demonstrará mais uma vez que aquele receio era, é e será pertinente.

Tal não impede que afirme que a tendência futura é de que o mundo siga consumindo mais carnes a cada ano. Será esse crescimento linear e a viagem suave? A resposta é evidentemente não, mas não há qualquer dúvida que a ingestão de proteínas animais terá crescente participação na dieta humana futura.

Elaborado por ODConsulting a partir de dados da FAO e da OIE

Elaborado por ODConsulting a partir de dados da FAO

Elaborado por ODConsulting a partir de dados da FAO

ABEF (<http://www.abef.com.br/>)

February 2006 - Poultry trade prospects for 2006 jeopardized by escalating AI outbreaks, FAO

Idem http://www.fao.org/es/esc/common/ecg/108877_en_Poultry_trade_jeopardized_by_AI.pdf2006

Http://www.fao.org/es/esc/en/20953/21014/highlight_108406en_p.html